

FRANCISCO GURGULINO DE SOUZA:

Maestro de sons e palavras

Jonir Bechara Cerqueira
Edison Ribeiro Lemos



Placa em homenagem ao professor Gurgulino afixada no saguão do 2º andar do Instituto Benjamin Constant

Francisco Gurgulino de Souza foi aluno do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (hoje Instituto Benjamin Constant), vindo nele a exercer o magistério, por seus méritos, distinguindo-se como um dos professores de maior competência da Instituição. Seu nome é lembrado como uma das figuras que mais contribuíram para a projeção social e integração das pessoas cegas.

Nasceu em 11 de janeiro de 1867, na cidade de Fortaleza, província do Ceará. Seus pais, percebendo sua grande vivacidade e inteligência precoce, resolveram encaminhá-lo para estudar no único educandário para cegos existente no Brasil. Assim, o menino de 10 anos de idade, portador de cegueira congênita, foi matriculado no Instituto em junho de 1877. Como estudante,

distinguiu-se sempre por apresentar bom aproveitamento, especialmente em música.

Concluídos seus estudos, por iniciativa de Benjamin Constant, então diretor da Instituição, foi aproveitado como repetidor adido de aritmética e álgebra em 1887, mais tarde, em 1890, foi também nomeado professor de harmonia e contraponto.

Possuidor de vasta cultura, teve atuação, além do magistério, como jornalista e poeta, consagrando-se com grande notoriedade na cidade do Rio de Janeiro, especialmente como músico de méritos excepcionais, tendo ocupado a função de organista oficial da Igreja da Candelária.

Em reconhecimento a seu indiscutível valor artístico, o Instituto Benjamin Constant deu o nome de Francisco Gurgulino de Souza ao auditório da Instituição, como comprovam os dizeres da placa de bronze afixada no saguão do 2º andar e aqui reproduzida em foto. O referido auditório, reformado na década de 80, passou a ser denominado Teatro Benjamin Constant.

Sua trajetória como professor do Instituto foi das mais brilhantes e mereceu, sempre, os mais entusiásticos elogios dos que com ele conviveram, em particular, seus ex-alunos.

A Revista Brasileira para Cegos, na edição de novembro de 1956, publicou um texto de sua ex-aluna, a professora Georgina Ribeiro de Aguiar, do qual destacamos os seguintes trechos:

“(...) Terminou os estudos em 1884 com sólida cultura, sendo que em música, o seu pendor artístico foi notoriamente observado pelo ótimo compositor que ele se revelou. Legou à posteridade muitas peças, de imenso valor, para piano e órgão, instrumentos que executava com grande técnica e maestria; escreveu também para canto, violino, flauta, melodias que agradavam sempre. Ao lado do gênero clássico compôs belas valsas, xotes e quadrilhas arrebatadoras. Escreveu um compêndio de harmonia e contraponto, digno de figurar nas melhores bibliotecas, e de ser adotado nas grandes academias de música pelas lições e ensinamentos que ele contém ...

(...) Cultivava o jornalismo com invulgar capacidade, e foi até membro da Associação Brasileira de Imprensa, sendo o 1º cego no Brasil a possuir essa credencial. ...”

Por ocasião do 45º aniversário do Instituto Benjamin Constant, em 1899, Francisco Gurgulino, membro do Grêmio Comemorativo Beneficente Dezesete de Setembro, cujo principal objetivo era a comemoração desta data, proferiu um discurso publicado na Poliantéia consagrada a esta finalidade, escrita por sócios do Grêmio, na sua grande maioria ex-alunos do Instituto, documento este que se encontra no Setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

A seguir transcrevemos trechos do discurso do insigne maestro e professor:

“(...) Enfim, em 12 de setembro de 1854, promulgou-se o decreto da fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, dependente do Ministério do Império (hoje do Interior); e a 17 desse mesmo mês e ano, instalou-se no prédio nº3 da rua da Gamboa, o Instituto, que hoje ocupa um vastíssimo prédio ainda por concluir na praia da Saudade....

(...) Instalado o Instituto, com três professores e dez alunos, o número dos primeiros aumentou à medida que o reclamavam as necessidades do ensino; e o dos segundos à medida que se ia divulgando a existência da instituição.

Não se pense que rapidamente se tornou esta conhecida, e muito menos que a nossa população cedo se compenetrasse de sua utilidade. A causa dos cegos, como é natural, tinha de lutar com a indiferença e a rotina dos eternos inimigos das boas causas. Assim, o Instituto, mantendo cursos de ciências, letras e música, era e ainda é por muitos considerado como asilo de cegos; assim também meninos privados da vista deixaram-se e deixam-se ainda ficar nas trevas da ignorância, por uma entendida compaixão dos próprios pais, na suposição talvez de que não serão seus filhos tratados no Instituto com o devido carinho, ou na persuasão de que é impossível ensinar-se ao cego a ler e a escrever!

E o Instituto ia desempenhando sua missão; e de quando em vez um cego educado atrevia-se a afrontar preconceitos, ia lutar pela vida e ser o arrimo de sua família, nesta capital ou no interior, tirando do trabalho lícito, do trabalho que nobilita, os meios de subsistência....

(...) Ao escrever agora os nomes de meus velhos mestres, quantas recordações se me avivam!

E o que seria eu sem eles, sem o Instituto Benjamin Constant? Já caminhando para o outono da existência, a alguém que há dias me perguntava qual fora o dia mais feliz da minha vida, respondi sinceramente: o dia mais feliz da minha vida foi aquele em que entrei para o Instituto Benjamin Constant.

Pudessem dizer o mesmo todos os cegos do meu país! Tivessem eles quem os trouxesse pela mão, caminho da escola, deste templo de instrução, que para eles se abriu em 17 de setembro de 1854!...

É principalmente pelo desejo de ver transformados em membros ativos da sociedade brasileira os 15.000 cegos que por aí vagam e sobre ela pesam, que desejo ver progredir o Grêmio Comemorativo Beneficente Dezessete de Setembro, que nos seus fins inclui a propaganda em favor da classe dos cegos.

Bem haja este grêmio, bem haja a instituição onde ele teve origem.”